

POESIA DESCALÇA

Não se educa recorrendo ao medo. HERMAN HESSE

Nº 112 - Ano 12 - Recife, AGOSTO/SET2011 - Distribuição gratuita.

CORONEL LUIZ GUSMÃO

Era uma rua sem calçamento
Para todas as crianças
A rua da minha infância:
Barra-bandeira, ferro, pião.

Era um terreno quase baldio
Em frente à fábrica
Onde as meninas brincavam
De academia e os meninos
Jogavam bola
Enquanto do outro lado do mundo
Crianças vietnamitas comiam
Fogo e napalm.

A rua da minha infância
Era uma rua de papagaios de papel
Enquanto do outro lado do mundo
Crianças vietnamitas corriam
Dos velozes dragões americanos
Que sobrevoavam os terreiros
E os quintais.

Na rua da minha infância,
Os meninos e meninas se misturavam
Para brincar de *uva, pera ou maçã*.
“Boca de forno!... tirando bolo!...”
Quem vai ficar na berlinda?
- É João!...
Enquanto do outro lado do mundo
As pernas e os braços
Das crianças vietnamitas
Jamais alcançariam as bolas:
De meia, de pano, de gude, de plástico...

Na rua da minha infância
Somente bombas de São João:
O susto era de brincadeira,
O susto era de verdade!

Hoje cresci e vivo numa rua da capital
Sem barra-bandeira, sem ferro nem pião
Sem bola de gude nem bola de plástico
Em frente das casas.
As crianças da minha rua estão fechadas
Dentro dos condomínios
Porque do lado de fora existe um dragão
E seus filhotes saem vomitando fogo
Todas as noites...

Enquanto do outro lado do mundo
As crianças vietnamitas, hoje,
Acho que estão em paz.

JOCA DE OLIVEIRA
(ianomangue@elogica.com.br)

Zines recebidos: DE CARA (PE), O
PATUSCO (CE), O GARIMPO (BA),
PRÓ-DONS (MG).

É tola a embriaguez do sonho e a vida tem
tiro certo. **IVAN MARINHO**

A FAVOR

Ficar pensando coisas do passado
Um dia alguém me quis
Hoje não tenho ninguém
Vivo minha pequena vida
Mas estou livre
Quando faço um sanduíche
Quero estar só com meu sanduíche
Nunca mais acendi um cigarro
Entre lágrimas
Na manhã
Nunca mais fui torturada
Ao pé da cama
Se quero rir
Rio

HELENA ORTIZ (Em Par)

Eu chamei Milton uma vez
E Milton fez que não viu;
Chamei Milton outra vez
E Milton entrou e saiu.
Aí eu mandei Milton
Ir pra puta que pariu!

SUDARO

TEMPORADA

A minha dor
Continua em cartaz
Todos os dias
Com apresentações ininterruptas
Inclusive
Nos domingos e feriados

JUAREIZ CORREYA



Não precisa de indicação expressa do seu
médico

DITIRAMBO (Prosa)

Jurumba, Zé Bajarra, João de Quiterra, Pasparal, Burrachudo, Demonte, Bruguelo...tantos!Deus! De onde surgem essas prendas de monturo? E como são resignados e tolos... existe algum mal em não saber? E por que essas pessoas pequenas e fúteis são as que mais zombam delas mesmas? Deve ser ruim bestar sempre... a dor da escuridão é a pior das que povoam a mente... eles não vêem luz nenhuma. Taparam tudo. Nada conseguem decifrar sozinhos; Viver de asno: infecundo e resignado. Todos candidatos a serem um zero social, piolhos de outrem. Se já não o são! Todos homens aniquilados, sem honra e sem porquê. Sem mímicas na fala. Gente que começa a morrer cedo, mal nasce. Velho aos trinta, jeito de quem já se entregou, molambos de gente!

Existem. Eles existem em todos os bares, é claro. Qual o bar do planeta que não tem um puxa-saco, um baba-ovo, um entrão safado, um pobre diabo? Mas isso não é motivo suficiente para que eu os aceite: causam-me repugnância. Olhá-los me dá gastura. daquelas que a lâmina afiada provoca quando fende um nervo. A verdade é que barriga cheia produz mais racionalidade. A fome é um desatino, uma peste ruim. A gente fica doído, doído. Sensação mais desastrada e desastrosa... quase morrer! É verdade. Também não é novidade nenhuma que o mundo está raquítico de bondade. Há uma deficiência dessa vitamina pelos quarteirões da terra! Tudo isso é verdade. Mas assistir a esse desmoronamento da pessoa humana, tão dessa maneira irreversível, me assusta e enoja. Alguns nem têm semblantes! E estão sempre se acabando pelos balcões, esmolando doses finando-se mesquinamente falidos como homens. Levados pelos cantos de sereias fraudulentas, ditirambos. Baco não deveria agir assim!

Trecho do romance, DITIRAMBO, de WILSON VIEIRA

(Sem investigações pacientes, sem métodos descritivos aperfeiçoados nunca alcançaremos determinar o que, no domínio de nossa língua, ou de uma área dela, é de emprego obrigatório, o que é grosseiro, o que é inadmissível; ou, em termos radicais, o que é e o que não é correto)

CELSO CUNHA, Gramática do Português Contemporâneo, 1970, pág.14

Alguns não estão fazendo uso das novas regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Afinal, até o ano de 2012 poderemos todos conviver com as ortografias anterior e a prevista no acordo. Tem gente falando que vôo com acento é mais poético. Depois de 2012, cabe licença.

| | | |
|--|--|---|
| <p>SOBRE O GOSTAR</p> <p>Passado o 1° susto O resto é café pequeno. Gostar tem lá os seus golpes: Beijos e quedas que quase sempre Nos levam a uma clínica de fraturas. Tem uns que dizem, Engessar o coração para sempre. Passado o 1° susto O resto é café pequeno</p> <p>MIRÓ (Ilusão de Ética)</p> | <p>A CIGARRA E A FORMIGA</p> <p>A cigarra não concentra o seu esforço Somente para o canto. Embora um canto ruim, É insistente na sua cantoria. Termina desagradável. Porém, certa hora, ela também busca O alimento, como todos os insetos.</p> <p>A formiga é que nunca tentou ser artista: Tem medo de morrer de fome.</p> <p>Eu tentei ser equivalente à formiga, A maior parte dos meus dias. Por enquanto, ainda permaneço cigarra.</p> <p>BALAU</p> | <p>Não sou lírico como os portugueses, Nem épico como os espanhóis.</p> <p>Sou ligeiramente avacalhado Como um brasileiro. Nasci com medo, Morrerei indeciso. A definição é meu tormento; Nem o bem nem o mal, Morrerei entre.</p> <p>As patas dos gorilas pisam, O coração da pátria, E eu, por trás do muro. O povo saqueado e corrompido, E eu, como se fosse um deus, Nenhum remorso sinto.</p> <p>E prefiro enganar-me Acusando o destino Por minhas omissões e safadezas.</p> <p>DANIEL LIMA (trecho de ABISMO) CEPE EDITORA</p> |
| <p>Me (e)levaste À transcendência E loucura dos deuses</p> <p>Somente sabe o meu fim (que tu, anjo aflito, sem o saber Vaticinaste) Quem carrega a cruz dos poetas.</p> <p>JAILSON MARROQUIM (in memoriam)</p> | <p>UM POETA EM DECADÊNCIA VISÍVEL</p> <p>Tudo inútil, meu velho: Não mais se dispõem A apreciar os seus versos, Não mais querem propor-se A aturar tal poética.</p> <p>Não mais se interessam Pelo seu canto sofrido; Não é mais do agrado geral A cansativa leitura Destes seus versos.</p> <p>LUIZ CARLOS MONTEIRO (In memoriam)</p> | <p>Durante anos esperamos encontrar alguém que nos compreenda, alguém que nos aceite como somos e capaz de nos oferecer felicidade, apesar das duras provas. Apenas ontem descobri que esse mágico alguém é o rosto que vemos no espelho. (RICHARD BACH)</p> <p>9º FESTIVAL RECIFENSE DE LITERATURA (21 a 28 de agosto de 2011)</p> |
| <p>Em cada morto que morreu, morri. Em cada voz que se calou, calei. E tantas vezes já me despedi, De tanto ver morrer tanto morri Que a morrer, já me habituei.</p> <p>MARIA DE LOURDES HORTAS</p> | <p>A melhor parte do amor é perder todo o senso da realidade (DON JUAN DE MARCO)</p> <p>Meu passado é assunto meu (FURYO, EM NOME DA HONRA)</p> <p>***</p> <p>O DAS QUINAS</p> | <p>O INIMIGO</p> <p>Foi mergulhado em ondas de pavor E ódio que o percebi, e era sólido Sem rosto, sem voz Talvez Sem impressão digital Mas sólido. De início, um <i>ping</i> tão perceptível Quanto a gota d'água caindo a milhas (nem anos-luz seriam obstáculos). No primeiro momento, pensei: Virá a mim em linha reta Ou em espirais Virá feito as águas ou Feito serpentes, virá Feito um projétil ou um câncer. Ledo engano, vã esperança... Nunca virá porque sempre esteve aqui Comigo em mim e Antes de mim E nunca irá porque estará sempre aqui Depois de mim...</p> <p>FRANCISCO CLEÓBULO TEIXEIRA</p> |
| <p>MEADA (O Terceiro Olho Usa Lente de Contato)</p> <p>Pedras viram pó. Pó cochilando Nas cabeças das estátuas. Estátuas se transformam Em caboclos de lança.</p> <p>Lança encantada Que o olhar não alcança. Alcança a minha retina Uma coruja no céu a voar. Coruja que pousa Na minha cama De obscenas rosas.</p> <p>Rosas que perfumam A menina deitada, Satisfeita de tanto gozar</p> <p>POETA MALUNGO (Maranguape 1 – Paulista/PE)</p> | <p>Os Deuses vendem quando dão. Compra-se a glória com desgraça. Ai dos felizes, porque são Só o que passa!</p> <p>Baste a quem baste o que lhe basta O bastante de lhe bastar! A vida é breve, a alma é vasta: Ter é tardar.</p> <p>Foi com desgraça e com vileza Que Deus ao Cristo definiu: Assim o opôs à Natureza E Filho o ungiu.</p> <p>FERNANDO PESSOA (Mensagem)</p> <p>Qualquer um que pense que o dinheiro o fará feliz, não tem dinheiro. DAVID GEFFEN</p> | |